

## REPRESENTAÇÕES E VIVÊNCIAS DA MATERNIDADE NUMA PERSPECTIVA GERACIONAL

Tânia Maria Gomes da Silva\*  
Carine Gomes Bomfim\*\*  
Débora Almeida do Nascimento\*\*\*  
Marielli Rico Rossi\*\*\*\*

### Resumo

Sob a perspectiva geracional e tomando como suporte teórico-metodológico os estudos de gênero e memória, este artigo analisa as representações da maternidade e da maternagem nas narrativas de mulheres das camadas populares. Objetiva-se perceber se mudanças geracionais interferem nas representações sobre ser mãe e cuidar dos filhos. A análise mostrou que a essencialização da maternidade aparece em todos os discursos, independente da faixa etária, já a maternagem apresenta variações. As idosas a consideram uma tarefa fácil, enquanto para as mais jovens o cuidado com os filhos é uma das tarefas mais difíceis na vida da mulher. Considerando-se que a memória se constrói mediada pelo tempo presente, entende-se que as mães que se encontram em pleno processo de gerar-maternar têm um discurso menos idealizado.

**Palavras-chave:** Maternidade; história oral; memória; envelhecimento.

### Abstract

It is about perceiving how generational changes interfere in representations about being a mother and caring for the children in the popular classes. The material presented is composed of interviews with three women, extracted from a larger documentary corpus. Although the valuation of motherhood can be observed in the different testimonies, the results of the study showed that for the younger the experience of raising children is described as a very difficult work, in total contrast with the discourse of older women. Considering that all memory is constructed from the present, the explanatory hypothesis of these differences is thought as a result of the younger ones being in the process of generating-maternal, while the others, with the children created and already removed from such tribulations, construct a speech more permeated by idealizations.

**Keywords:** Maternity; oral history; memory; ageing.

---

\* Docente do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde do Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR) e Doutora em História (UFPR). Vice-coordenadora do Grupo de Pesquisa “Vulnerabilidade, Bioética e Promoção da Saúde”.

\*\* Acadêmica do Curso de Psicologia da Faculdade Cidade Verde – Maringá.

\*\*\* Graduada em Pedagogia no Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR) e acadêmica em Psicologia na Faculdade Cidade Verde - Maringá.

\*\*\*\* Orientanda de Iniciação Científica (PIC/Unicesumar). Acadêmica de Jornalismo no Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR).

## Introdução

Este artigo é resultado de um estágio pós-doutoral onde discuto as representações da maternidade e da maternagem elaboradas por mulheres das camadas populares<sup>1</sup>, com idades variadas, buscando perceber se mudanças geracionais interferem na forma de pensar a maternidade e o cuidado com os filhos, isto é, a maternagem. As falas foram extraídas de um *corpus* documental de vinte entrevistas, composto de mulheres de idades que variaram dos 18 aos 71 anos de idade. Para essa apresentação foram selecionadas as narrativas de três mulheres, buscando agrupar depoimentos que fossem representativos de distintas fases da vida: juventude, terceira idade e velhice. As escolhas tiveram como elemento norteador que fossem abarcadas diferentes gerações. Levei ainda em conta as narrativas de mulheres mais prolixas.

Perrot (2005) já disse que a memória das mulheres é vestida, querendo com isso dizer que as mulheres quando rememoram momentos importantes de suas vidas se lembram de que roupa estavam usando. Seguindo seus passos, creio poder dizer que as memórias das mulheres que compuseram este estudo eram profundamente maternas:

*Eu me mudei para cá quando estava grávida do meu menino mais novo”; “Ele foi embora quando a minha menina tinha oito anos”, “Eu apanhei calada durante muito tempo, mas quando ele jogou uma caixa de banana na boca do meu filho eu não aceitei.*

Inserindo-se na perspectiva dos estudos de gênero e memória, e tendo como suporte metodológico a história oral, busquei analisar representações e vivências da maternidade nas camadas populares. As entrevistas buscaram responder aos seguintes questionamentos: como essas mulheres pobres vivem a maternidade? O que filhos representam para elas? Se a força da história é poder dar voz aos que normalmente não a tem, os vencidos, os excluídos, revelar memórias femininas é trazer à cena aquelas cujos passos raramente deixam marcas nas estradas do passado. Diz Perrot (2005), “No teatro da memória, as mulheres são

uma leve sombra”. No caso das mulheres pobres há dois elementos de exclusão: o gênero e a classe. Foram entrevistadas mulheres brancas, negras e pardas, bem como mulheres católicas, protestantes e neopentecostais, mas o estudo não levou em conta a perspectiva de raça/etnia ou religião.

A pobreza é uma questão fundamental no mundo contemporâneo. Diferentes pesquisadores buscam discuti-la (CASTELL, 2000; SEN, 2000). O termo é polissêmico, baseado em perspectivas unidimensionais e multidimensionais (MOURA JUNIOR; SARRIERA, 2017), o que faz com que diferentes sociedades demarquem quem são os pobres (GUTIÉRREZ, 2005). Nesse sentido, conceituo como pobres aqueles que, na sociedade capitalista, carecem do mínimo que a sociedade estabelece para se viver dignamente: alimentação, educação, saúde, habitação, vestuário, bem como carecem dos direitos de cidadania (SARTI, 1996), Segundo Silva (2010a), no Brasil a pobreza é consequência da concentração de riqueza produzida e dos espaços territoriais, representados pelos grandes latifúndios no meio rural, e pela especulação imobiliária no meio urbano, com raízes inscritas na sua formação sócio histórica e econômica.

Seja por serem mulheres; o “sexo fraco”; seja por serem pobres, as mulheres das camadas populares foram por muito tempo sujeitos invisíveis para a historiografia. Assim, gênero e classe se uniram numa simbiose mutiladora de inúmeras experiências. Enquanto no século XIX, o interesse dos historiadores se resumia a reinados, o desempenho político, a campanha de generais ou os feitos dos santos, no século XX esse interesse se voltou às experiências anônimas, aos sujeitos marginais e ao cotidiano de seres humanos comuns (HAMEROW, 2013), criando, o que se chamaria, de uma “história vinda de baixo”. Essa democratização, que aceitou a fala das minorias, entre elas as falas femininas, não foi imediata. Somente à partir da segunda metade do século XX, notadamente com a contribuição dos Annales, alguns historiadores insatisfeitos com a aridez dos métodos quantitativos validaram métodos qualitativos de investigação; admitiram a subjetividade e se abriram às experiências reveladoras dos sentimentos, notadamente após a “virada linguística” dos anos 1970 e as propostas

<sup>1</sup> A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Mandaguari, noroeste do Paraná, localizada, no eixo Maringá Londrina e distante 320.05 km da capital Curitiba. O doutoramento foi desenvolvido nos anos de 2014-2015, na Universidade Federal do Paraná, sob a supervisão da Dra. Ana Paula Vosne Martins.

desconstrutivistas (VÁSQUEZ, 2017). No Brasil, foi nos anos 80, com a ajuda das teóricas feministas, notadamente da área da sociologia, que a história das mulheres ganhou musculatura acadêmica. Um grande impulso à história das mulheres foi a aceitação das fontes orais como documentos; uma contribuição devida à primeira geração dos *Annales*, notadamente à Febvre, que aprofunda o entendimento do que seja um documento histórico (BURKER, 1997)

Alinho-me a um campo historiográfico que valida as narrativas como uma forma de acessar o passado, recuperando não uma verdade acontecida, mas uma apreensão, uma interpretação deste passado vivido (ALBERTI, 2004). Nessa perspectiva, gênero oferece uma forma de se analisar as experiências das mulheres numa perspectiva relacional que nos ajuda a melhor compreender as relações de poder que marcam as relações do masculino-feminino (SCOTT, 1995). Rejeitando o determinismo biológico em prol da crença em comportamentos culturalmente formados, os estudos de gênero desconstruíram a crença em uma suposta essência feminina, aceitando diferenças em função de classe, raça/etnia, idade, sexualidade, religião. Ideias naturalizadas, a exemplo de que toda mulher é frágil, sensível, intuitiva e nascida para ser realizar na maternidade, sofreram reveses e novos estudos desconstruíram os estereótipos que engessavam o sujeito “mulher”, notadamente quanto ao seu destino reprodutor.

Nem toda mulher é útero, gritaram as feministas, recuperando o brado emitido por Simone de Beauvoir (1980), para quem “não se nasce mulher, torna-se”. Com um discurso crítico à maternidade, Beauvoir considerada a maternidade um fardo e o filho um tirano. Publicado em fins dos anos 40 sua obra só encontraria acolhimento décadas depois.

Não se pretende defender que todas as mulheres desistiram da maternidade, mas na esteira do Movimento Feminista, especialmente o da segunda onda, quando surgem críticas mais radicais à desigualdade de gênero, emergindo uma pluralidade de feminismos, algumas mulheres já se aventuravam a pensar a maternidade como espaço mais de opressão do que de delícias. Desse modo, particularmente aquelas mais escolarizadas e com maior poder

econômico, já se mostravam menos dispostas a “padecer no paraíso”. Vale esclarecer, que o mesmo não ocorre com igual intensidade nas camadas populares, onde filhos permanece uma inter-relação profundamente essencializada entre maternidade e feminino.

### Referencial teórico-metodológico

O *corpus documental* do qual as três entrevistas aqui apresentadas foram extraídas foi composto por vinte mulheres. Considerando-se os limites de um artigo, optei por um recorte etário apresentando as falas de uma entrevistada de 29 anos, representativa do grupo jovem; uma de 58 anos, da terceira idade; e uma de 71 anos, do grupo de idosas. Valido essa posição porque ela reflete o que se constituiu numa generalidade dos discursos: a maternidade é bastante essencializada e se apresenta como um destino quase único para as mulheres (BUTLER, 2000). O mesmo não pode ser dito quanto à maternagem.

As entrevistas foram realizadas nos principais bairros da periferia da cidade de Mandaguari, num período de 7 meses. Algumas foram realizadas em um único encontro, enquanto outras se prolongaram por três, quatro ou mais visitas.

Para a escolha das informantes não tive grandes dificuldades, considerando-se que participo de uma instituição<sup>2</sup> que desenvolve trabalhos sociais com famílias carentes do município, portanto já conhecia grande parte delas. As que ainda não me conheciam foram contatadas pelo sistema de rede, ou seja, uma vizinha, uma amiga, uma pessoa da família é quem servia de ponte para o encontro.

Algumas mulheres tiveram mais facilidade para o diálogo do que outras, mas, de modo geral, todas foram receptivas a compartilhar suas experiências. Embora minha ideia inicial fosse buscar a maior privacidade possível durante as entrevistas, algumas vezes isso não foi possível. Inserida nas práticas individualistas do mundo burguês, desconsiderei a

---

<sup>2</sup> A autora é a atual presidente da Comunidade Social Cristã Beneficente, entidade filantrópica sem fins lucrativos, fundada, em 1984, juntamente com o médico Osvaldo Alves (*in memoriam*).

realidade coletiva do universo dos pobres (VIEIRA, STENGEL, 2010). A presença de outras pessoas no momento da entrevista, quase sempre outras mulheres ou crianças, a princípio me constrangia, mas percebi que não às minhas interlocutoras. Observei, no entanto, que as entrevistadas procuravam escolher os momentos em que os homens estariam no trabalho. Os homens intimidam a fala das mulheres.

A cozinha ou o quintal foi, quase sempre, o lugar escolhido para o encontro. Talvez seja interessante pensar haver no âmbito das residências espaços demarcados pelo feminino-masculino. Thompson (1992), por exemplo, observa que na fala dos homens predomina a primeira pessoa, enquanto as mulheres tendem a usar o nós. São particularidades que não devem escapar a quem trabalha com a oralidade. Não só o que falam deve interessar a quem se vale da metodologia da história oral, mas como falam e onde falam. Hesitações, silêncios, lágrimas, sorrisos, desvios do tema, a tudo se precisa estar atento, interessando-nos tanto pelo que nos é dito quanto pelo que nos é negado.

Como minhas entrevistas eram de caráter temático eu tinha um roteiro de perguntas, mas jamais me deixando limitar a ele. Isso significa dizer que, embora trabalhando numa perspectiva de história oral temática, colhi também história oral de vida. As mulheres me contaram suas experiências desde a infância e em momento algum me furtei a lhes dar ouvido. Também me fizeram muitas perguntas, num processo dialógico entre entrevistadora-entrevistado enriquecedor. Nesse ponto, concordo com Portelli (2010), para quem não é possível que nos neguemos a contar a nossa história a alguém que se dispõe a nos contar a sua.

Para a interpretação das entrevistas me vali da teoria das representações sociais, que busca explicar os fenômenos particulares a partir do coletivo. Nessa perspectiva, penso que a representação é o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas (SÊGA, 2000). Alberti (2004, p. 10) afirma que quando um entrevistado nos deixa conhecer

(...) determinadas representações características de sua geração de sua formação, de sua comunidade, etc, elas devem ser tomadas como fatos, e não como “construções” desprovidas de relação com a realidade.

Para Ricouer (2010), como representação, a memória fenomenológica pode ser um acontecimento espontâneo ou um trabalho de busca, uma anamnese, que se faz sempre conjugada com a imaginação. Dizer isso não significa comprometer a seriedade de trabalhos que se valem da memória. Numa oposição ao pensamento positivista, entendo que na entrevista o que se ouve é uma versão do fato. Se essa não nos permite apreender o “efetivamente acontecido”, nos possibilita penetrar nas crenças, ideologias ou desejos do indivíduo (PORTELLI, 2016, 2010).

Ao discutir representações sociais da maternidade nas camadas populares levando em conta a questão etária entendi que essas são permeadas de plasticidade na medida em que cada geração pode alterar o sentido e também a compreensão dos conhecimentos preexistentes e dos significados historicamente consolidados. Nesse caso, as representações sociais são tanto o resultado de reapropriação de conteúdos de períodos cronológicos distintos quanto daqueles gerados por novos contextos (BÔAS, 2010).

### **História oral e memória**

História oral é sempre um diálogo. Façamos as perguntas e nos calemos para ouvir o narrador, é o que nos ensinam os manuais. Mas a vida não se submete a ensinamentos prévios. Narradores, especialmente os das camadas populares, querem diálogo, querem nossa participação na narrativa. Olham para nós a espera de um ato que sinalize crença ou descrença em suas falas, pedem nossa opinião, esperam nosso riso ou nossa solidariedade com suas histórias de dor. Muitas vezes as mulheres interrompem a narrativa num ponto crucial, à espera da evidência de que eu valorizava suas experiências. Algumas, eram excepcionais na arte narrativa. É bem verdade que não se espera que o entrevistador fique dando palpites na fala, ou que conduza a conversa para aqui ou acolá. Na verdade, quando uma entrevistada se afasta do assunto que nos motiva nada resta a fazer senão aguardar que a ele retorne ou buscar entender porque se abandonou um caminho, um rumo da fala e se partiu em direção a outro talvez menos perigoso. E aí já se tem material para pensar.

Para os detratores da história oral vale dizer que as fontes orais exigem muito do pesquisador. É preciso saber falar-calar, é preciso entender silêncios e omissões; esquecimentos têm tanto sentido quanto qualquer lembrança, a tudo precisamos estar atentos. E há, obviamente, o tom da narrativa. Alguns são épicos, como bem sabe quem já tenha tido a oportunidade de ouvir-ler o depoimento da prostituta Gilda, apresentado por Montenegro (2007). Quase pude ver Gilda quando, num Congresso de História oral, esse professor apresentou seus relatos. Entre as mulheres que entrevistei diria que Aparecida e Elza são as que mais se aproximam desse formato épico. Elza enquadra-se ainda particularmente bem no modelo “mulher valente”, descrito por Fonseca (2004),

Identifico essa performance de mulher valente quando Elza me conta que após ganhar a primeira filha soube que era traída. Foi até o bordel e encontrou o companheiro com outra mulher. Quebrou mesas e cadeiras, bateu na mulher, voltou para casa para pegar o bebê e parte para a rodoviária com destino ao Paraná. Uma sequência rápida de fatos com alta carga de dramaticidade. Momento alto da trama é quando o companheiro a procura na rodoviária com pedidos de desculpas. Ela joga a fralda sobre o rosto do bebê para que ele sequer conheça a menina. E ri alto, balançando todo o corpo enquanto me conta a história, num exorcismo alegre de dores passadas que só o trabalho do tempo e só a arte ou maquinação da memória podem produzir.

Busco representações e não fatos, por isso mesmo, importa-me menos saber se a história se passou tal qual Elza me conta e faço meu o pensamento de Ricoeur (2010): lembrar não é uma marca que fica na cera, lembrar é apropriar-se da memória e fazer alguma coisa com ela, pois imaginação e memória podem juntas buscar a verdade do passado. O que se aprende com Elza é que nenhuma dor-amor é para sempre. E aí podemos encontrar uma característica do narrador: todas as histórias abarcam algo de útil (BENJAMIM, 1987).

Segundo Hartmann (2005), o trabalho com narrativas, usualmente, se relaciona à experiência. Segundo essa perspectiva, uma das principais maneiras do ser humano se manifestar seria por meio da forma

narrativa. Forma essa que envolve mais do que a colocação das palavras em estrutura inteligíveis de códigos e dispositivos culturais que nos permitam a compreensão. O relato será tanto mais rico quanto mais estiverem sendo observados num evento em que os significados são negociados e atualizados no momento da sua produção. Como diz a autora, ao contrário do que ocorre numa narrativa escrita, nas performances narrativas o tempo e o espaço do contador se encontra e se mescla com o tempo e o espaço da audiência, num aqui e agora capaz de mostrar a cultura em emergência.

### **A maternidade e as vozes maternas**

A maternidade é um espaço ambíguo, local onde se emaranham os desejos individuais e as pressões sociais, sufocando as mulheres. Desde os anos 1970, quando emergiram alguns estudos discutindo a problemática da reprodução e da biologia feminina, já se aceitava que a reprodução não é um fato biológico atemporal (STEVENS, 2007), e que nem toda mulher queria ser mãe (VÁSQUEZ, 2010). Estudos importantes, como o de Chodorow (1978), ao mostrar que a característica maternal das mulheres é uma construção cultural, e de Badinter (1985), afirmando que o amor materno não existe em todas as mulheres, provocaram fissuras à ideia de uma suposta “natureza feminina” voltada à reprodução.

Entretanto, chamava-me atenção o fato de que em minhas pesquisas nas camadas populares era praticamente impossível encontrar um casal sem filhos, tidos como que uma consequência natural da união conjugal, um presente de Deus. Ainda mais me chamava a atenção o fato de que quando uma mulher iniciava um relacionamento, via-se na obrigação de “dar” filhos ao novo companheiro: “Ah, eu dei um filho para o outro, agora estou morando com esse e tenho de dar um filho para ele”. Filhos, se percebe, são dádivas.

Cardoso (2011), que trabalhou consanguinidade e educação em famílias faveladas, afirma que suas informantes até admitiam que sem filhos talvez fosse possível viver melhor e ter menos preocupações, mas nenhuma delas achava que um casal sem filho formava uma família no verdadeiro sentido do termo. Segundo

ela, a continuidade do grupo se dá pelos filhos, o que faz com que entre as classes populares a expressão família e filhos sejam sinônimas.

Uma das minhas entrevistadas sofreu laqueadura aos 21 anos, sem que fosse consultada. Teve dois filhos, mas um morreu e outra foi roubada. Com o atual companheiro enfrenta um grande problema, pois ele quer ser pai. Vivendo como coletores de material reciclável o casal vive num barraco pobre, de chão de terra batida, mas gostariam de ter filhos. Procuraram o poder judiciário querendo adotar, mas não tinham os documentos e nem dinheiro para providenciá-los. De modo que se viram obrigados a desistir do sonho: [...] *mas Deus me livre, se a gente tivesse os documentos a gente queria não um, mas dois. Um menino e uma menina.*

Não se trata, assim, de escolher ser ou não ser mãe, porque escolher é um fenômeno moderno e no universo cultural dos pobres não estão dados os recursos simbólicos para a elaboração de um projeto individual. Escolher pressupõe condições sociais específicas de educação, de valores sociais, alheios a seu universo e referências culturais dos indivíduos das camadas populares, o que torna seus projetos individuais inexequíveis (SARTI, 2000).

Foi dentro dessa percepção que me propus entender o sentido da maternidade.

Todas as vinte mulheres que compuseram a pesquisa eram mães, com média de 3,5 filhos por mulher. De maneira esperada, as mais idosas não tiveram acesso às pílulas anticoncepcionais. As mais jovens dizem usar, às vezes. Vejamos o depoimento de Elza:

*Nunca ouvi falar de pílula anticoncepcional. Não tomei. Aborto tive três [...] por causa da pressão alta. O médico falou. Eu também não sabia o que era diacho de pressão. Só ia no médico e receitava remédio para dor de cabeça. Duas [crianças] morreram de desidratação e de sarampo. Já pensou se tivesse tudo aí? Era bom, né, era tudo da gente.*

Também ficou evidenciado que as mais velhas tiveram os filhos com parteiras, em casa, enquanto as mais jovens já recorreram aos hospitais. E de novo vamos nos valer do depoimento de Elza.

*Os filhos todos nasceram em casa. Não teve nenhum que nasceu no hospital. Até os que nasceu morto, tudo em casa. O marido saía para trabalhar, mas deixava comida pronta quando eu estava de*

*dieta. Parto normal, com três dias você pode levantar, dar banho. Quem dava era eu mesma. A mulher só vinha cortar o umbigo, o resto deixava para mim. Ela era boa, muito boa. Não lembro se pagava.*

Nesse depoimento vemos a importância das parteiras na vida dessas mulheres. Muitas vezes, o que as parteiras ganhavam em troca do trabalho era uma dúzia de ovos, um frango, um tanto de feijão, evidenciando no campo da maternidade uma cumplicidade feminina, que passava ao largo dos interesses financeiros (ACKER et al., 2006).

A relação que sempre se buscou estabelecer entre mulher-maternidade-felicidade vem sendo questionada. Não se trata de dizer que muitas mulheres não queiram ser mães, o que desmentiria as procuras às clínicas de reprodução. Trata-se antes de dizer que nem todas querem ser mães. Se as mulheres de maior poder econômico e cultural conseguem vencer a barreira impositiva da sociedade, desconstruindo os estereótipos que as limita ao espaço obrigatório de um ser feminino universal, as mulheres das camadas populares são menos susceptíveis a tais mudanças. Para elas ser mãe continua a ser um destino. Sem estudos, sem possibilidades de viagens e de crescimento profissional que lhes permitam maiores realizações pessoais, filhos terminam sendo uma das poucas possibilidades de um projeto a ser cumprido. A pobreza, que lhes rouba múltiplas possibilidades de experiências, não pode com seus corpos prontos para a reprodução.

Para aquelas mais pobres criar um filho é um processo angustiante, pois além da questão econômica, pois não se nega os altos custos para se prover uma criança do mínimo necessário, o alto dispêndio de energia para cuidar desses pequenos seres incansáveis exige um esforço considerável; especialmente das mulheres, geralmente a quem cabe a responsabilidade no cuidado. As entrevistas evidenciaram que a participação dos pais no cuidado com os filhos é pequena.

Como salienta Scavone (2001, p.49), há “uma distância imensa entre o ideal descrito da mãe (...) consagrada em tempo integral a suas crianças, e a vida cotidiana das mães de origem modesta”. Todas as mães mais jovens enfatizaram a dificuldade para criar os filhos.

Uma entrevista de história oral transforma o narrador num ser único. Por mais comum que seja sua experiência de vida, ela é singular, porque não aconteceu igual com nenhuma outra pessoa, ainda que possa haver muitas semelhanças com outras histórias. Quando analiso as entrevistas tanto me atendo ao que é único, como busco perceber semelhanças, ou seja, trabalho com encontros e rupturas entre essas diferentes memórias. Há como que uma argamassa que as une. As definições da maternidade apareceram agregadas a adjetivos positivos em número maior nos depoimentos das mulheres mais idosas.

As pessoas enfrentam muitas transformações no passar dos anos. O corpo se torna mais flácido, a pele enruga, os cabelos embranquecem e os passos se tornam mais lentos e cuidadosos. Essas mudanças são inquestionáveis, mas há aquelas menos visíveis, que escapam aos olhos, como é o caso de nossa significação de mundo. Sim, quando envelhecemos somos os mesmos, mas somos também outros, resultado histórico de nossas vivências.

Segundo Moragas (2010), recordamos mais as experiências agradáveis do que as desagradáveis. De fato, as mulheres que já haviam cruzado a linha da fecundidade, cujos filhos já estavam crescidos, algumas delas já avós, bisavós, diziam que criar filhos é fácil, enquanto as mais jovens, em pleno processo de maternagem, enfatizaram as dificuldades a serem enfrentadas.

Martins (2008), entrevistando uma senhora de mais de 80 anos sobre suas experiências maternas, conta que essa se surpreendeu que uma mulher não soubesse cuidar dos filhos, por ser essa uma tarefa muito simples.

Apresento-lhes as mulheres que escolhi para compor essa discussão<sup>3</sup>. Suas falas esclarecerão melhor o ponto de vista que defendo:

- a) Aparecida, 29 anos, 4 filhos de dois companheiros. Curso fundamental incompleto, dona de casa; esporadicamente trabalhando como trabalhadora rural itinerante (boia-fria).

- b) Elza, 54 anos, 5 filhos de dois companheiros, analfabeta, ex-trabalhadora rural, no momento da entrevista encontrava-se impossibilitada de andar devido a um derrame cerebral.
- c) D. Angela, 71 anos, 9 filhos do mesmo marido, analfabeta, casada aos 12 anos, trabalhou na roça, em casas de família como empregada, lavadeira, cozinheira e, no momento da entrevista encontrava-se aposentada.

Identifico-as como sendo representantes de três grupos etários: jovem, terceira idade e idosa. A terceira idade é o período compreendido entre a maturidade e a velhice. A Organização Mundial da Saúde define o idoso como todo indivíduo acima dos 65 anos, em países desenvolvidos, e acima dos 60 anos em países em desenvolvimento. Desse modo, no Brasil o idoso é todo indivíduo que tem 60 anos ou mais (MOTTA, 2002).

Iniciemos por Aparecida, sem dúvida, a mais falante. Ela não apenas responde ao que lhe pergunto, mas dá informações sobre a vizinhança, conta detalhes da vida do bairro, faz perguntas sobre a minha vida, interroga minha opinião sobre os assuntos, numa fluência que quase me faz esquecer que estamos num trabalho de campo.

Ela me conta que com treze ou quatorze anos se “amigou” com o pai de seu filho mais velho. Uma particularidade de quem trabalha com a história oral, é que o tempo nessa ferramenta tecnológica aparece muitas vezes de maneira imprecisa.

Ela me fala sobre a primeira união consensual:

*[...]Joito anos perdido da minha vida. Ilusão da gente.[...] Você via um homem assim briguento, um homem que andava com aquelas roupa atrapalhada, então você falava: “é aquele ali.*

Estudos nos mostram que a roupa sempre significa algo e esse significado difere em função do grupo pesquisado e de sua posição no interior da estrutura social, imprimindo e direcionando diferentes condutas para esses diversos grupos sociais. Desse modo, tanto o discurso, quanto a roupa nos dão uma referência não apenas sobre a forma como esse indivíduo pensa o

<sup>3</sup> Todos os nomes são fictícios.

mundo, mas também a forma de pensar a si mesmo dentro desse mundo (BERGAMO, 2004, 1998)<sup>4</sup>.

A roupa aparece no discurso de Aparecida como demarcadora de um sentido importante: é ela quem primeiro a faz interessar-se pelo rapaz. Mas não que essa fosse bonita ou nova, mas porque era “atrapalhada”, isto é, uma roupa que fugia do tradicional, que mostrava um homem diferente daqueles que ela estava acostumada a conviver e que, sendo certinhos demais no vestir, certamente não lhe atraíam a atenção.

Com esse homem teve dois filhos, mas o relacionamento terminou e ela logo foi viver com outro companheiro com quem teve mais duas crianças. Com quatro filhos para cuidar, vivendo numa casa simples, num bairro de estrutura bastante precária, ela reclama: *“Quatro crianças para você cuidar. Quem é que não fica estressada, quem é que não fica louca? Se põe no meu lugar.”*

Nenhuma das mulheres mais idosas reclamou que os filhos lhes tomassem tempo para cuidar de si, ao contrário das mais jovens. Para estas, cuidar de filhos é a tarefa mais difícil de seus dias, fazendo com que se descuidem não só da saúde, como dos cuidados com a aparência: *“Eu não penso mais em me arrumar, eu não penso mais em fazer uma unha, eu não penso mais em fazer um pé, arrumar um cabelo. Tomar banho porque é obrigado, mas é a única coisa”*, diz Aparecida.

Outra questão que nos foi colocada e, de novo, é a Aparecida quem recorremos é a questão da dificuldade para dar conta das tarefas domésticas, o que as insere num alto grau de estresse pela rotina repetitiva:

*Eu levanto seis e meia da manhã, limpo a casa Quando é onze horas, dez e meia mais ou menos eu vou limpar quintal. [...] quando as criança chega eles vira de perna para cima. Aí eu faço almoço, o homem já chega ratiando. Aí eu vou dar banho na menina para levar para escola. Criança chorando pra cá, criança chorando pra lá e marido ratiando. E aí leva criança para ponto de ônibus, aí volta e mais um tantão de serviço para fazer. Ai meu Deus, quatro crianças!*

<sup>4</sup>BERGAMO, Alexandre. O campo da moda. In: *Rev. Antropol.* vol.41 n.2 São Paulo 1998. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77011998000200005>.

Vemos como seu discurso é marcado pelo cansaço e insatisfação com uma rotina que a deixa exausta. Vivendo numa habitação muito simples e sem aparelhos domésticos que poderiam lhe facilitar os trabalhos, Aparecida nos deixa claramente perceber que, apesar de inúmeras mudanças na sociedade, a divisão sexual do trabalho penaliza as mulheres. Longe de ser uma tarefa adocicada, como querem fazer crer os manuais da família e algumas revistas de cunho religioso, a rotina de uma mãe é um encargo pesado. A fala de Aparecida caminha na contramão dos discursos enaltecedores da maternidade como sendo uma experiência única na vida de uma mulher. Claro, pode-se argumentar que os trabalhos com a maternidade é que seriam desgastantes, mas que a maternidade em si seria uma das mais importantes experiências físicas e psicológicas, como defendem alguns. Ocorre que uma coisa pressupõe a outra. Ser mãe é cuidar, e cuidar é uma tarefa árdua.

Vamos agora nos reportar ao depoimento de Elza, 54 anos, para pensá-lo em contraposição ao de Aparecida, já que ela também tem filhos e também vive numa casa simples da periferia.

*Eu comecei nova [a ter filhos]. Só eu [para cuidar] e não achava difícil. Minhas coisa tudo limpinha. Roupa se não tivesse, eu fazia. Na mão. Aí criou tudo. [...]a mulher de hoje não sabe criar. Deixa a criança suja, umas roupa suja. As minha quando eu ia colocando para deitar eu passava um paninho no pé delas para não sujar o lençol.*

Mãe de cinco filhos, Elza, critica mais de uma vez as mulheres mais jovens, inclusive suas filhas, afirmando que *“agora as mulheres parece que acha uma dificuldade para criar. Eu não. Vou te falar, uma mãe cria dez filhos. Se os dez for tudo vivo, cria. Depende saber. Achava jeitinho”*.

Como outras mulheres da geração mais velha, Elza faz uma crítica sistemática sobre as mulheres dos tempos atuais que transformam um ato tão simples – ter e cuidar dos filhos – em algo tão complexo e critica as que não querem ser mães: *“Mulher que não quer filho, não quer ter trabalho. Tem mulher que não quer ter filhos, mas eu sei porque. Elas quer se arrumar e criança não deixa mãe arrumar”*.

D. Angela, 71 anos, criou sozinha os nove filhos. O marido saiu um dia para comprar cigarro e só voltou

seis meses depois, mas ficou pouco tempo e logo foi embora. Ela ficou trabalhando ora como doméstica, ora na roça e se orgulha disso: *“Meus filhos foi criado debaixo de pé de café. Tem um aqui que com quinze dias eu levei prá roça. E a gente trabalhava parecia índio, era mesma coisa que índio no meio do mato”*.

Essa informação de que os filhos foram criados debaixo do pé de café apareceu em mais de um depoimento das mulheres mais idosas, inclusive no de Elza. Voltemos, pois, a ela:

*Nós moremos [sic] numa fazenda. Quando estava mais grandinho eu levava para a roça um bitelo de caldeirão de comida. Ponzava para esquentar no meio do dia. Pegava água e punha no sol para esquentar uma baciazinha e dava banho neles. O resto do tempo eu ia trabalhar. Quando era seis horas eu voltava para casa e botava a janta no fogo.*

A escolarização infantil ainda não era uma realidade e se não houvesse uma pessoa da família para cuidar das crianças o jeito era mesmo a mãe levá-las para o trabalho. Mas podemos facilmente imaginar o que significar levar, como no caso de D. Angela, nove crianças para a roça. Eles embrenhavam-se debaixo dos pés de café, os mais velhos cuidando dos mais novos, enquanto ela seguia trabalhando; relembra.

Tanto D. Angela quanto Elza dizem que as mulheres de hoje não sabem criar filhos. Essa última, por exemplo, ensina: *“Filho é o seguinte: você dá banho, não deixa com a barriga vazia. Você ainda limpa a casa enquanto eles está com aquele soninho deles. Nada me embaçava. Eu prá mim não tinha dureza”*. D. Angela, mais compreensiva, diz que hoje filho dá mesmo mais trabalho porque as mães querem sair para se divertir e não têm como deixar os filhos.

A participação dos pais na criação das crianças mostrou ser pequena. As mulheres até procuram a justiça em busca de pensão, mas, muitas vezes, o homem está desempregado ou o que dá como ajuda não causa nenhum impacto. Aparecida, por exemplo, conta que foi ao juiz e o ex-companheiro foi intimado a ajudar, mas o que ele dava era *“uma comprinha, um pacote de fubá, um pacote de arroz”*.

A casa onde mora Aparecida, o marido e as crianças ainda não está terminada.

*O terreno eu já tinha. Ainda falta muita coisa. Só que antigamente era duas criança, agora são quatro. Você imagina com quatro crianças como é. E você já viu, é uniforme, é material [escolar], é roupa, é calçado. Ainda graças a Deus que eles não fica doente, não precisa gastar com remédio, que é o mais caro. Mas não sobra pra gente terminar, ainda falta muita coisa para a gente terminar a casa.*

Assim como ela, outras mulheres enfatizaram a questão da pobreza como um fator que torna a criação dos filhos tão complicada, porque num sistema capitalista são muitos os reclames do consumo, e os pobres, mesmo não podendo consumi-los, nem por isso ficam imunes aos desejos.

Além das questões financeiras, as mulheres relataram que os filhos dificultam a vida sexual do casal. Vivendo em casas pequenas, alguns casais dividem quando não a cama, ao menos o quarto com as crianças. No caso de Aparecida há ainda o sogro que vive no quarto ao lado do seu: *“Tem gente que não liga, mas eu não gosto. A gente mexe aqui e ele já tosse lá no quarto dele. Não dá. E tem as crianças no quarto da gente”*. No depoimento do grupo da terceira idade e das idosas, essa questão não foi mencionada.

O que teria mudado tanto para tornar tão difícil a maternidade? Em primeiro lugar, vimos que a medicina moderna construiu um número grande de práticas que devem ser sistematicamente seguidas pelas mulheres no cuidado com os filhos: confecção de enxovais, pré-natal, mamadeiras esterilizadas, vacinas periódicas, papinhas, levando ao que Meyer (2006) chama de politização do feminino e da maternidade.

Entre os múltiplos saberes atualmente repassados às mulheres das camadas populares para que exerçam melhor a maternidade está a relação de carinho e afeto que devem manter com seus filhos. A ligação afetiva mãe-bebês tem sido muito estimulada. Mas Elza me conta que não agia assim: *“Eu não punha criança no colo. Muito difícil. Nem conversar com criança, eles acostuma com a sua conversa e não deixa você fazer mais nada”*. Ela diz que conseguia trabalhar sem ser incomodada porque: *“eu sabia criar eles”*.

Klein (2012) realizou um estudo sobre o Programa Infância Melhor, da cidade de Canoas, no Rio Grande do Sul, que usava as mulheres como colaboradoras das políticas de inclusão social, chamando-as a *“aprender”*

como ser mães amorosas e comprometidas com a educação e a saúde de seus filhos. Elas eram orientadas a abraçar, beijar e demonstrar todo o carinho a seus filhos, contrários à atitude de Elza, mais em concordância com os primeiros manuais do início do século XX, estudados por Martins (2008), em que o conselho às mães era que se evitem os contatos físicos.

Segundo MARTINS (2008), desde as primeiras décadas do século XX, o Estado passa a ter cada vez um papel cada vez mais ativo na proteção da criança por meio da implantação de políticas públicas, embora a mãe continuasse como agente importante. Foucault (2010) denomina esse processo de biopolítica, ou seja, a interferência do Estado sobre o corpo e a saúde dos indivíduos, por meio de técnicas disciplinares em que alimentar, morar, medicar, entre outras ações, são reguladas pelo Estado. As mulheres, tanto no presente, quanto no passado, são chamadas a co-participar dessa tarefa que é difundida pelos manuais, revistas, televisão, cinema e publicidade (MEYER, 2005).

### Conclusão

A narrativa de Aparecida e de outras entrevistadas mais jovens me fizeram entender que nos dias atuais cuidar dos filhos pressupõe um trabalho muito mais complexo e com um número maior de exigências do que no passado, além de estar sob constante vigilância. De todo modo, sem desconsiderar esses fatos que mostram a existência de um rigoroso controle sobre as mães por parte do Estado, das igrejas, das entidades filantrópicas e ONG's, penso que a melhor explicação para a diferenciação entre o que nos foi relatado pelas mulheres mais idosas e as mais jovens está no fato de que toda memória se constrói no tempo presente.

Lembrar, bem o sabemos, não é um retomar do passado na sua inteireza, algo como um filme já visto e ao qual se pode rever tantas e quantas vezes se queira sem que os atores mudem suas falas, seus gestos, seus movimentos. Quando lembramos (re)criamos uma história, moldando-a no tempo presente; tempo esse que é o futuro do fato lembrado e o passado do tempo presente.

Assim, para aquelas mães com filhos crescidos e longe das atribuições da maternagem ocorre o processo de "apagamento" das dificuldades vivenciadas, deixando-as se envolver mais facilmente pelos discursos valorativos que descrevem os filhos como uma benção e cuidar dele uma alegria na vida de todas as mulheres. Já Aparecida, que representa aqui o grupo das mais jovens e em plena vivência da maternidade, encontrou dificuldade para conter um discurso que evidenciava muito as angústias que a criação de filhos numa situação de pobreza acarreta. Mesmo não negando seu amor aos filhos, ela foi taxativa quanto às agruras da maternidade.

A idealização do ser mãe é um estereótipo muito bem cimentado, mas o que pudemos perceber é que, sem abrir mão da maternidade, as mulheres mais jovens parecem concordar com Beauvoir: filhos são um fardo.

### Referências

- ACKER, Justina Inês Brunetto Verruck et al . As parteiras e o cuidado com o nascimento. *Revista Brasileira de Enfermagem*. Brasília , v. 59, n. 5, p. 647-651, Oct. 2006 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672006000500010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672006000500010&lng=en&nrm=iso)>. access on 22 May 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672006000500010>.
- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.
- ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e ciências sociais: trânsito e atravessamentos. *Sociedade e Estado*, vol. 24, n. 3, Brasília, set/dez, 2009. [versão on line].
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução Walternsir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BENJAMIM, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

- BERGAMO, Alexandre. O campo da moda. *Revista de Antropologia*. vol.41 n.2 São Paulo 1998. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77011998000200005>.
- BÔAS, Lúcia Pinto Santiso Villas. Uma abordagem da historicidade das representações sociais. *Cadernos de Pesquisa*. vol.40, n.140. São Paulo May/Aug. 2010.
- BURKER, Peter. *A escola dos Annales*. São Paulo: Unesp, 1997.
- CARDOSO, Ruth. Notas para discussão. *Obra reunida*. CALDEIRA, Teresa Pires (Org). São Paulo: Mameluco, 2011.
- Robert Castel. “As armadilhas da exclusão” Robert Castel, Luiz Eduardo Wanderley e Mariângela Belfiore-Wanderley. *Desigualdade e a questão social*. São Paulo, EDUC, 2007, pp.17-50.
- DADDORIAN, Diana. Gravidez na adolescência: um novo olhar. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 23, n. 1, Brasília, março 2003. [versão on line]
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- GUTIÉRREZ, Alicia A. *Pobre... como sempre: Estratégias de reprodução em la pobreza*. Argentina: Ferreyra Editor, 2005.
- HAMEROW, Theodore. A nova história e a velha. *História em perspectiva*. São Paulo: Cosac Naif, 2013, vol. II.
- HARTMANN, Luciana. Performance e experiência nas narrativas orais da fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. *Horizontes Antropológicos*, v. 11, n. 24, Porto Alegre, jul/dez, 2005. Disponível em Acesso em 3 de fevereiro de 2017.
- JOUTARD, Phillipe. Desafios à história oral do século XXI. *História oral: desafios para o século XXI*.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (Orgs). Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Osvaldo Cruz/CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, 2000, p.31-46.
- KLEIN, Carin. Educação de mulheres-mães pobres para uma “infância melhor”. *Revista Brasileira de Educação*. V.17, n.5, p.647-660, set.dez, 2012.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. “Vamos criar seu filho”: os médicos puericultores e a pedagogia materna no século XX. *História, ciências, saúde* v. 115, n. 1, Rio de Janeiro, jan/mar, 2008. [versão on line]
- MARTINS, Estevão; CALDAS, Pedro. Leopold Von Ranke (1795-1883). *A construção da história como ciência: de Ranke a Braudel*. BENLIVOGGIO, Júlio; LOPES, Marco Antonio (Orgs). Petrópolis, Rio de Janeiro: 2013, p.13-23.
- MATTAR, Laura Davis; DINIZ, Carmem Simone Grilo. *Hierarquias reprodutivas: maternidade e desigualdade no exercício de direitos humanos pelas mulheres*. *Interfaces*, v.16, n.40, Botucatu, SP, jan-mar,
- MEYER, Dagmar E. Estermann. A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento. *Revista Gênero*. Niterói: Nute-Eduf, v. 6, n. 1, 2006, p.81-104.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 6ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- MORAGAS, Ricardo Moragas. *Gerontologia social. Envelhecimento e qualidade de vida*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- MOTTA, Alda Brito. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: *Antropologia, saúde e envelhecimento*.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza, COIMBRA JR, Carlos E. A. (Orgs). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002, p. 37-50.
- MOURA JUNIOR, James Ferreira; SARRIERA, Jorge Castellá. As relações entre pobreza e bem-estar: uma revisão sistemática. *Estudos Interdisciplinares de Psicologia*. Londrina, v. 8, n. 2, p. 100-125, dez 2017. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S22364072017000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S22364072017000200007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 22 maio 2018.
- OLIVEIRA, CS. Simpósio 4 — cultura, individualismo e sociabilidade contemporânea. Os

devires da cidade-pandemônio. In GUARESCHI, N., org. Estratégias de invenção do presente: a psicologia social no contemporâneo [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 131-142. ISBN: 978-85-99662-90-8. Available from SciELO Books .

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução V. Ribeiro. Bauru, São Paulo: Edusec, 2005.

PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução Alain François et.al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SARTI, Cynthia. Família e individualidade: um problema moderno. A família contemporânea em debate. SARTI, Cynthia Andersen (org). 3 ed. São Paulo: EDUC/Cortez, 2000, p. 39-50.

SÊGA, Rafael Augustus. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. In: *Anos 90*. Porto Alegre, n. 13, julho de 2000.

SEN, Amartya K. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, Maria Ozanira da Silva e. Pobreza, desigualdade e políticas públicas: caracterizando e problematizando a realidade brasileira. *Revista Katál*. Florianópolis v. 13 n. 2 p. 155-163 jul./dez. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rk/v13n2/02.pdf>.

SILVA, Tânia Maria Gomes da. “*Você acha que a gente vai poder com homem?*” Práticas conjugais entre mulheres das camadas populares. São Paulo: Novas Edições Acadêmicas, 2016.

STEVENS, Cristina. Maternidade e feminismo: diálogos na literatura contemporânea. Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares. Cristina Stevens Org). Santa Catarina: Editora Mulheres, EDUNISC, 2007, p. 41.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VÁSQUEZ, Georgiana Garabely Heil. Memórias de uma ausência: mulheres sem filhos e suas narrativas sobre maternidade no Paraná do século XX. *Revista de História Regional*. Ponta Grossa, UEPG, 21 (2), p. 338-363, 2016.